

Dantesca

*Purgatório*

Em toda a Teologia  
e em toda a Comédia de Dante  
me interessa sobretudo o Purgatório –  
quero saber como e onde vou expiar os meus pecados.

Não deve estar distante, a ida é certa, garantida a minha vaga,  
e disso não posso fazer piada

Imagino que não será expiação em forma de trabalho  
(de trabalhar sempre gostei);  
há de ser algo relativo a “relações sociais”,  
reparadas com gente que na Terra execrei.

Purgando, conviverei com eles/elas,  
purificando a paciência, o julgamento, a soberba

E a solidão que sempre preferi  
lá não terá espaço; serei forçado a estar presente  
numa sala com luz fluorescente, colegas, adversários e estranhos,  
vinte e quatro horas, não sei quantos anos e meses.

É assim que imagino o Purgatório  
em linhas iniciais; ele escolhe o que me espera, quantos detalhes a mais.

## II.

No mundo da infâmia,  
nada é tão belo como na literatura.  
Não falo só de um mundo do crime violento  
mas dum viver em que a maldade  
a ganância e a mentira são normais –  
e você aprende a estar ali.

Nos confrontos entre adultos,  
você agora é partícipe  
co-produtor, herdeiro — e desconfia  
que o veneno estava já dentro de si  
sua alma não tão bela quanto na literatura.

Pode ser que, em seu remorso,  
venha o desejo de outro mundo,  
com prazos justos, tempo fluido,  
gente trafegando entre sonho e razão,  
ciência e coração em sequência inumerável e  
sim, dificuldades — mas não;

em vez disso, telefonemas duros,  
palavras de arrogância, de cobrança  
em disputas com outros habitantes –  
cada qual quer um poder, qualquer que seja,  
deseja a vantagem, despreza a ternura.

Percebendo que a seriedade lhe escapa –  
e a seu vizinho, a seu chefe, a seu pastor –,  
a vista se turva, o ar fica espesso,  
o receio é que do mapa se apaguem  
o remédio, a viagem, a imagem do justo,  
e que a Estrada acabe, ao revés da razão e do sonho, diante do Muro.

*Dantesca*

Na cena estreitada do sonho  
eu via parcialmente os sujeitos:  
todos homens, hirsutos, pelados,  
pênis duros, mas não se animem,  
todos homens bem grosseiros,  
em eterna meia idade, branca e suja,  
paus torcidos, em torno de um fogão,  
e pareciam semicegos, e ferozes  
não piscavam, grunhindo de repente,  
ameaçando o que estava logo ao lado.

Eu assistia ao documentário,  
havia o narrador, a voz em off,  
com palavras características:  
“nesse país”, “a história” etc.

De repente, sequência rápida,  
dois ou três sodomizavam  
um dos seus, desprevenido,  
em seguida o empurravam  
para dentro duma boca do fogão,  
para uma água de latrina  
amarronzada, amarelenta, e com manchetes de jornais.

Tal era o filme, todo coerente  
a que assistia.  
E quão feia fosse a poesia  
a gente só sabia que não deixava de sonhar ou de escrever  
algum registro sobre o tempo e aquele dia.

*No planeta dos negócios*

Tiro ao alvo  
cuspe à distância  
os narradores berram  
que o país é um só  
e torce, feito bobo.

Na cidade de compras  
tudo se vende:  
com dinheiro, obediência,  
brincadeira e “emoção”.

Teu horror à impostura  
tua dignidade, de outra história,  
fiquem ali congelados num canto —  
a edição vai apagar isso tudo.

Vais levar bugigangas oficiais  
e também uma rasteira:  
fechando os olhos agora,  
alguém te descobre fóssil,  
de boné ou gravata do evento,  
daqui a quinhentos anos.

Pois por enquanto é o que vimos  
e vemos em ti, a dupla mosca:  
a que comes, abrindo a boca,  
e a do alvo, recebendo tiros.

*Obediência*

Mercantilismo mais acabado  
o mais absoluto decair  
vender tudo que sonhava  
entregar ao bandidão de terno e bolsa de valores:  
“toma, meu amigo, meu ídolo,  
tenho vergonha de não ser como você”  
bandido branco, adiposo e de carrão

Nada será como seria  
nada podia resistir  
parcelada a pasmaceira

Falamos falamos falou-se  
em voz alta gargalhada  
máxima imbecilidade  
vestimos camisa, seleção da miséria  
e agora é chuva agrotóxica  
que te espera, meu filho, o banho químico

Adquirimos todos os planos  
que nos venderam ao telefone  
apoiamos os golpes que tomamos  
aguardamos o boleto  
*forever yours,*  
*Obedient Clones*

*Convalescia?*

E depois de restar resignado  
encontrei de novo alento  
de novo a paz e o vento  
um anjo lá no verde  
de blusa azul-e-branca  
um anjo me olhando  
conserta o corpo e diz:

— Verás vida sobre vida  
filho, pai e avô  
planta sobre árvore  
dança de folhas e cinza

E a fumaça restará  
fumaça após o fogo  
seu aroma evaporado  
lembrança da madeira

E quase tudo será sério  
será sério e ameno  
atento que estarás  
entregue às dimensões  
braços e pernas, tendões.

E depois de restar em sonho,  
o cenho cerrado de compromisso,  
a pele do rosto ora franzida ora mista,  
de novo um ar atravessa o corpo, e avisa e diz:

— Vê como estamos calados  
eu, tu, ela, nós, vós, eles —  
é bom? é ruim? como te sentes?  
verás que estamos golpeados  
e que debaixo dos pés corre um país  
e rápida passa a história  
por baixo de tantos narizes